

Álvaro Alves de Faria

# BABEL

50 poemas inspirados na escultura  
*Torre de Babel*, de Valdir Rocha



  
escrituras

*Babel, a Torre,  
Valdir Rocha e Álvaro Alves de Faria*

A Torre de Babel transformou-se em muitas, a partir da riqueza proporcionada pelo imaginário de cada um, inclusive no âmbito da visualidade, em que se colhem exemplos muito expressivos.

Valdir Rocha projetou a sua *Torre de Babel* em 2003 e a realizou no verão de 2004, a partir da reunião de partes de modelos de outras esculturas suas fundidas anteriormente (ao longo de anos de produção), numa “colagem” tridimensional. A novidade – se é que se pode falar nisso num mundo em que tudo ou quase já se fez – está em que a *Torre*, de VR, não lida com a “habitual” arquitetura civil mas se constitui de uma sobreposição de cabeças de diferentes personagens: *Águia, Ator, Casulo, Dominante e Dominado, Equilibrista, Julgador, Múmia, Oráculo, Pensador Oriental, Provocador, Siameses, Tirano e Titãs*, dentre tantos outros, num elenco de mais de 30 figuras, cujas relações entre si são de força, poder, submissão, estranhamento, distanciamento, desafio... Figuras silenciosas que, antes de promoverem a balbúrdia das inúmeras línguas e linguagens, oferecem a mais acabada quietude.

A escultura de Valdir Rocha, vista por Álvaro Alves de Faria, inspirou leitura muito pessoal do poeta, que, ao longo de mais de dois anos, num exercício iniciado em abril de 2005, criou **50 poemas que dialogam com aquela**, alcançando seus desvãos, apresentando descobertas e indo mesmo além dela, para constituir um todo único – babélico e não babélico –: espécie de ordem harmônica extraída do caos.

**BABEL**



Copyright do texto © 2005-7 Álvaro Alves de Faria  
Copyright da escultura © 2003-4 Valdir Rocha  
Copyright das fotografias © 2004 Nora Prado  
Copyright da edição © 2007 Escrituras Editora

Todos os direitos desta edição foram cedidos à:  
Escrituras Editora e Distribuidora de Livros Ltda.  
Rua Maestro Callia, 123  
04012-100 – Vila Mariana – São Paulo, SP  
Tel.: (11) 5082-4190  
escrituras@escrituras.com.br  
www.escrituras.com.br

**Editor** *Raimundo Gadelha*  
**Coordenação editorial** *Camile Mendrot*  
**Revisão de texto** *Juliana Ferreira da Costa*  
**Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica** *Herbert Junior*  
**Impressão** *Palas Athena*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Faria, Álvaro Alves de  
Babel : 50 poemas inspirados na escultura Torre de Babel,  
de Valdir Rocha / Álvaro Alves de Faria. --  
São Paulo : Escrituras Editora, 2007.

ISBN 978-85-7531-263-6

1. Poesia brasileira I. Título.

07-6133

CDD-869.91

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira 869.91

Impresso no Brasil  
*Print in Brazil*

**Álvaro Alves de Faria**

# **BABEL**

50 poemas inspirados na escultura  
*Torre de Babel*, de Valdir Rocha



  
**escrituras**

São Paulo, 2007

Ao FELTOSA,  
com o abraço do  
VALDIR  
ROCHA



## *sumário*

<i>poema 1</i> .....	7
<i>poema 2</i> .....	7
<i>poema 3</i> .....	8
<i>poema 4</i> .....	9
<i>poema 5</i> .....	12
<i>visão alucinatória 1</i> .....	13
<i>poema 6</i> .....	14
<i>poema 7</i> .....	15
<i>poema 8</i> .....	15
<i>poema 9</i> .....	16
<i>visão alucinatória 2</i> .....	17
<i>poema 10</i> .....	20
<i>poema 11</i> .....	20
<i>poema 12</i> .....	21
<i>fotografia quase poética 1</i> ....	21
<i>fotografia quase poética 2</i> ....	24
<i>poema 13</i> .....	30
<i>visão alucinatória 3</i> .....	31
<i>fotografia quase poética 3</i> ....	36
<i>fotografia quase poética 4</i> ....	42
<i>fotografia quase poética 5</i> ....	46
<i>poema 14</i> .....	49

<i>poema 15</i> .....	50
<i>poema 16</i> .....	53
<i>poema 17</i> .....	53
<i>poema 18</i> .....	53
<i>poema 19</i> .....	54
<i>visão alucinatória 5</i> .....	54
<i>poema 20</i> .....	56
<i>poema 21</i> .....	56
<i>poema 22</i> .....	57
<i>poema 23</i> .....	59
<i>visão alucinatória 6</i> .....	60
<i>poema 24</i> .....	63
<i>visão alucinatória 7</i> .....	64
<i>visão alucinatória 8</i> .....	72
<i>poema 25</i> .....	75
<i>visão alucinatória 9</i> .....	79
<i>poema 26</i> .....	80
<i>poema 27</i> .....	82
<i>poema 28</i> .....	84
<i>poema 29</i> .....	85
<i>poema 30</i> .....	86
<i>poema 31</i> .....	87
<i>poema 32</i> .....	91
<i>poema 33</i> .....	92
<i>poema 34</i> .....	92
<i>poema 35</i> .....	95
<i>poema 36</i> .....	95

## *poema 1*

As mãos do artista percorrem a paisagem  
como um poeta a desdizer as palavras  
a cortar fatias de sílabas  
como se corta uma fruta em cima da mesa  
como se assim fosse fazer um poema  
como se fosse assim  
escorrer a argamassa da figura do homem  
a se moldar talvez numa escultura:

como se fosse um poeta  
destruidor de si mesmo e da poesia  
da obra ainda por fazer.

Nasce como se do chão  
pulo para cima  
o grito incontido que salta da boca.



## *poema 2*

Nasce como que palavra aguda  
faca que dilacera  
corta o corte  
o grito corta a palavra  
como se fosse assim  
nesta manhã ausente.

Como se não fosse essa boca  
dentes de esmalte  
o lábio louça que se parte.

Nascem como se pulassem da vida  
essas imagens de olhos perdidos  
essas escamas de peixes imaginários.

Nasce o pensamento nasce o pensamento  
nasce o pensamento nasce:  
cabeças que não sabem  
e percorrem a paisagem do dia.



### *poema 3*

Houve um tempo  
em que eu escrevia poemas  
e era chamado de poeta por 19 amigos.

Depois fui ser mais prático  
e hoje sou farmacêutico  
numa cidade do interior de mim  
onde todos os fantasmas se conhecem.

Tenho a poesia  
num pequeno frasco vazio de perfume  
numa prateleira  
escondido atrás de um livro de Geografia.

Neste instante da madrugada  
as cabeças olham com olhos mortos  
como a Literatura  
as cabeças estão mortas  
não há palavra capaz de dar-lhes alma  
nem poema capaz  
de dizê-las como são.

As cabeças no bronze da memória  
uma página escrita com sílabas mortas.

Há a sombra a percorrer  
afito desejo a sentir  
o ar da manhã entre aves antigas  
móveis junto à porta  
onde dormem as palavras.

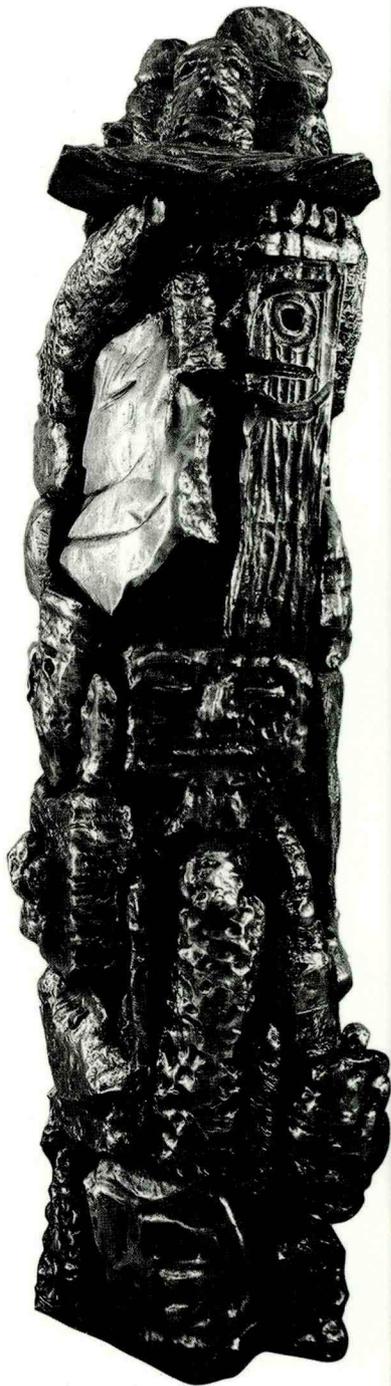


### *poema 4*

A palavra percorre paredes  
na ausência do ferimento  
como se fosse assim  
apenas viver a possibilidade de viver  
como se fosse assim  
como se fosse  
como se.

Mas não é senão esse instante  
em que marca o tempo  
nunca mais haverá esse remorso  
já que a alma não existe  
nem existe o que se procura.

Se fosse apenas calar a palavra  
possível seria segurar os dedos  
no arame invisível  
junto aos pés  
onde a terra se desfaz  
e se completa.





## *poema 5*

Nasce o poema entre a torre e o espaço  
a torre de babel  
imóvel pensamento imóvel  
nervos de seda e ferro  
entre a poesia do ser  
do que é  
do que não é  
nem será.

Salta da boca dos dedos das unhas  
saltam os gafanhotos  
para o espaço do nada.

Nasce como se do chão  
a palavra morre nessa mudez  
da boca costurada  
olhar que se deixa pelas paredes  
o tempo que se esvai  
as palavras todas saltam  
como se do chão  
nascessem  
como se fossem assim nascer para sempre  
morrer para sempre morrer para sempre.

Vivem estas figuras com veias de ferro  
saltam de si  
a manhã é clara como o nada.

Assim crescem em rodopio  
ciranda para o fim.

## *visão alucinatória 1*

Tragicassombras comovidas  
comoventes sombras trágicas  
crepúsculo vermelho  
serpentes mastigam gengivas  
os dentes calam cavernas profundas  
índios comem José de Anchieta aos pedaços  
mas nada ocorre  
senão os fragmentos de seu corpo  
nas bocas abertas bocas  
engolidos como escamas de peixes.

Todas as cabeças de Anchieta  
rolam abismos  
os dedos arames afiados  
cortam nuvens nas pálpebras.

A perna esquerda de Anchieta  
foi jogada no mar  
peixes ferozes devoram  
a perna esquerda de Anchieta  
sandálias distantes  
na perna esquerda de Anchieta  
jogada no mar  
peixes voadores adormecem nas árvores  
o padre jaz  
na misericórdia de suas preces  
batina escura ao pôr-do-sol  
praia de sangue  
Anchieta morre devorado  
e pede para voltar  
à Ilha das Canárias.

A cabeça rola numa fogueira  
é possível ver a alma de Anchieta  
escrevendo palavras na areia  
como pintou Portinari  
numa tarde de setembro.

Anchieta escreve um poema  
e percebe o tamanho de seu crime  
soluça soluços imensos  
entre formigas que brilham  
como estrelas brasileiras.



### *poema 6*

Tal estátua se ergue  
em cabeças esotéricas  
cidade submersa onde termina o oceano  
crescem apelos  
em faces duras no bronze da boca.

Como se assim pudessem essas figuras  
saltar no tempo em sua espera  
o que não se conclui.

As palavras são de pedra  
mas é possível ouvir o soluço.

Tal olhar que apagado resiste  
na paisagem oca do dia  
como se assim pudesse observar  
os cômodos de uma casa  
as luvas que a mão não guarda

unhas de esmalte vermelho  
o grito que se perde na sala da tarde  
pálpebra esquecida no olho.



### *poema 7*

Fossem essas figuras de terra  
seriam talvez raiz do esquecimento  
se fizessem para sempre o gesto  
no espaço raro de um quadro  
no espesso degrau entre as sombras.

Fossem essas figuras da argila mais profunda  
seriam talvez feitas da alma das coisas  
como se assim fosse possível  
como se assim fosse.



### *poema 8*

Por tais cabeças cortam-me veias e mármore  
bronzes feridos em feridas feitas  
corta-me a poesia inerte como se fosse faca a cortar  
essa tarde inconclusa  
inconclusa dor do dia  
incrédulo credo  
oração de desesperos.

Assim é como se assim fosse  
como se já tivesse existido  
em algum lugar desta planície

onde acorda a ave desta manhã que se perde  
como se assim fosse o vôo certo do fim  
esse caminhar incessante caminhar incessante  
entre o fio de prumo  
e a bruma do final.

Tais cabeças se movem em mim como temporais antigos  
desses que não existem mais senão na memória e na morte  
do que se cala sempre e se consente  
entre o que há por vir e sua sorte.

Nada me vale senão a poesia que me ampara  
como se dela dependesse minha vida incerta  
é assim que vejo este rasgar a tarde  
e ter a dor da vida como alerta.

De ser assim como não sou  
como se houvesse ainda de existir  
o que não existe  
como se não estivesse  
e fosse assim a derradeira palavra de não ser.



### *poema 9*

Há nestas caras rosto face desfeita  
há nesse olho  
o entardecer que se perde  
as mãos do amigo talhando a vida  
as mãos do amigo gesto que se cria  
as mãos do amigo  
as mãos

a arte  
a transformar a argila do tempo.

Não existe o poema que se faz agora  
não existe o poema que se faz  
não existe o poema não existe.

Cabeças inertes cabeças  
saltam das mãos  
e se deixam crescer na paisagem  
nesse azul sem volta nesse azul que se perde  
esse azul que anoitece.

Dessa cabeça salta a noite  
com a cara de Poe  
e sinto neste momento  
que a poesia é nada.



### *visão alucinatória 2*

Dessa cabeça salta a palavra fenecida  
todas as palavras morreram  
inútil escrevê-las  
inútil dizê-las num poema.

Dessas cabeças saltam-me as cabeças  
de Hesíodo, Anacreonte, Píndaro, Bion,  
Mosco, Lucrecio, Fedro,  
as cabeças de Horácio, Propércio, Pérsio,  
a cabeça de Petrarca  
as cabeças de Catulo, Ovídio, Lucano,  
a cabeça de Bion

a cabeça de Aristo  
a cabeça de Tasso  
a cabeça de Rodrigues Lobo  
a cabeça de Diogo Bernardes  
a cabeça de Bernardim Ribeiro  
a cabeça de Sá de Miranda  
a cabeça de Longfellow.

Cabeças antigas saltam-me  
cabeças antigas  
saltam-me antigas cabeças  
invisíveis cabeças saltam-se  
essas cabeças desfeitas  
desfiguradas faces saltam-me  
essas faces mortas  
    mortas faces  
    mortas faces  
    mortas faces  
    mortas faces  
    mortas faces  
saltam-me cabeças antepassadas  
dessas que se calam nos livros  
na letra fria da palavra  
a cabeça de Morike  
a cabeça de Garrett  
a cabeça de Jorge de Lima  
salta-me a cabeça de Heinrich Heine  
salta-me a cabeça de Ludwig Uhland  
a cabeça de Thomas Moore  
a cabeça de Maurice Rollinat  
a cabeça de Musset  
a cabeça de Homero.



## *poema 10*

O poema atravessa o tempo  
como lança que mata  
e desfigura a poesia que morre.

O poema é nada  
dele nada resta que se possa guardar.

De tantas inutilidades  
a poesia e o poema  
desaparecem dos livros  
esses que mortos  
permanecem nas prateleiras inertes  
folhas antigas  
palavras que se perderam  
para sempre se perderam  
essas palavras gastas nos poemas  
na inutilidade da poesia.



## *poema 11*

Talvez por ser a palavra esse insulto  
que salta do silêncio dessas bocas veementes  
talvez por isso  
a própria palavra se destrua nas letras  
com sílabas feitas de punhais.

Não se fere a palavra impunemente  
nem se fere a Língua que se realiza  
não morre no lábio  
o vidro que se quebra no dente.

Essa palavra muda solta  
rodopio do nada  
no salto mortal do agora.

Essa palavra talvez seja ela esse insulto  
que profere a fala  
lâmina que corta a Língua  
no que não diz e não se cala.

15

## *poema 12*

Falam-me poetas  
que caminham palavras sílabas  
gotas de sangue em cada poema.

Arrancam-me de mim a frase que salta  
da boca como um grito  
o poema que se desfaz no pires em cima da mesa  
entre a colher e o garfo  
entre a água e o vinho  
entre a toalha e a xícara de veneno.

A palavra que constrói o poema  
também se faz sílaba ausente  
no pequeno espaço  
para viver meu corpo oblíquo.

15

## *fotografia quase poética 1*

Às vezes quando me ocorre a ausência  
brilha-me um fogo vermelho

que pinta o lábio das mulheres  
em que me deixo cortar por dentro  
como se fosse assim  
às vezes quando me ocorre a palavra  
brilha no espelho dos Cafés de Lisboa  
uma certa face  
como se estivesse fugindo de um temporal  
assim  
às vezes brilha esse inseto num jardim  
como se fosse assim a poesia  
a deixar que desapareça para sempre  
entre as montanhas  
nos barcos que não vejo no mar  
nem no rosto dos navegadores  
quando às vezes me deixo morrer.

Nesta hora da noite  
Florianos Martins caminha Fortaleza na pele  
voando em algum céu distante  
como se lhe fosse possível  
reinventar a poesia brasileira.

Soares Feitosa  
constrói a caravela de navegar poemas  
na paisagem de letras e cartas  
a face no oceano que corta a poesia  
à procura de poetas  
na geografia poética do Brasil.

Neide Archanjo planta um girassol no jardim  
a observar uma estrela cadente  
atrás dos prédios de raibam.

Affonso Romano de Sant'Anna deixa para depois  
uma lágrima que esqueceu há 30 anos.

Alexei Bueno atravessa as ruas com passos longínquos  
a descobrir que a poesia é um equívoco de quem vive.

Carlos Felipe Moisés  
sai com Fernando Pessoa  
ao encontro de Mário de Andrade  
nas ruas antigas do centro de São Paulo  
atrás do Teatro Municipal  
onde dormem os duendes mágicos.

Roberto Piva lê uma carta antiga  
na escadaria da Biblioteca na Consolação  
e se deixa comover  
já que esse pode ser o único destino.

Eunice Arruda colhe uma palavra  
e num poema de três versos  
arranca de si seu universo.

Cláudio Willer conversa com Ginsberg  
e depois caminha com Lautréamont  
até o Mosteiro de São Berto  
a fazer anotações num caderno invisível.

Eduardo Alves da Costa  
colhe o que resta das praças  
e mergulha infinito  
no que falta dizer de toda escuridão.

Carlos Gilberto Alves  
poeta sem livro  
que caminha comigo desde a infância  
a entrar nos templos  
na contemplação de tudo  
que haveria de ser.

Sérgio Lima acena a André Breton  
e explode as palavras mudas num incêndio  
poesia de arrancar-se da magia.

Lindolf Bell a desafiar manhãs e memórias  
ao observar Timbó terra ilhada na distância  
a poesia de mãos erguidas  
gesto branco na paisagem ferida  
o delírio no deslumbramento  
catequese de palavras  
nas canções a dizer profecias póstumas  
como se fosse assim o poema  
como se fosse assim.



## *fotografia quase poética 2*

Bruno Tolentino a espalhar sonetos,  
as palavras últimas, 538 poemas para imitar o amanhecer,  
a frase que não se compreende,  
o tempo que se esvai para sempre,  
gesto de nulidades, o nada, o nada, o nada,  
a canção que finda na boca,  
a poesia pouca, a poesia pouca.

Quem lembrará de Aurélia Bandeira de Faria  
com um lenço nas mãos a procurar a luz  
e o poema escondido no ventre?

Quem lembrará de Ivete Tanus,  
olhos na escuridão do dia,  
o poema ausente da vida do poema,  
a palavra aguda na aspereza do instante?

Quem lembrará de Lupe Cotrim Garaude  
com um vestido azul a caminhar pelas ruas  
da Cidade Universitária  
a dizer o último poema que escreveu?

Quem lembrará de Ida Laura  
o poema para viver a noite  
um cesto de palavras silvestres  
na jarra de todas as chuvas?

Cacaso em brilho a calar palavras  
no teto das estrelas, o poema que nasce  
e renasce o poema que se alcança e se desfaz.

Carlos Queiroz Telles, o muro de arrimo,  
o teatro, cena poética a escorrer paredes,  
silêncios de pedra na palavra derradeira.

Roberto Bicelli corta a paisagem  
invisível com a faca nítida das sílabas.

Rubens Jardim constrói o aceno  
no vidro da imagem,  
vitral de algumas cores desconhecidas.

Luiz Carlos Mattos deixa o porto  
e parte de si  
no navio escuro de oceano antigos.

Péricles Prade navega poemas estrangeiros  
com uma bússola de ausências.

Marcello Rollemberg percorre poemas  
que para sempre se perderam.

Mirian Páglia Costa a contar as pérolas  
de seu colar de maravilhas  
onde dorme o gesto da tarde.

Carlos Soulié do Amaral anda pela Paulista  
a procurar a última livraria  
que guarde livros de poesia,  
essa coisa inexistente do passado.

Antonio Fernando De Franceschi  
dilui a tarde na xícara de porcelana  
e bebe a possibilidade do poema.

Décio Bar é um retrato  
na ampla sala de receios.

Celso Luiz Paulini lava a frase  
no tanque vazio do esquecimento,  
vôo para sempre,  
varal infinito de roupas brancas.

Adriano Espínola no beira-sol  
do encantamento quando encantos  
não há mais nas dunas  
do espaço que se limita.

Mirian de Carvalho a passear jardins  
no fundo do quintal  
onde vive uma lua entre formigas e caracóis.

Suzana Vargas escreve o Caderno do Outono  
por planícies que não existem,  
necessidade do mar e das conchas crepusculares.

Mauro Valle a descobrir  
os destinos das noites,  
signo das águas dos rios riscado na parede.

Rodrigo de Haro corta a paisagem  
com a faca branca de uma manhã sem volta  
a poesia de sombras bandeiras afitas  
a dor para não se calar  
talvez uma chaga de fogo na espada do dia.

Ruy Espinheira Filho  
o dia no pequeno espaço do tempo  
essa brisa que sopra nos ramos  
terra de buscar que a vida está um deserto.

Carlos Vogt a colher a poesia das folhas  
como se o poema fosse a árvore do dia  
esse que se inaugura nas janelas das casas.

Leila Echaime a guardar segredos e medos  
uma possível alegria de seguir  
a redescobrir a face.

Fernando Fábio Fiorese Furtado  
a conduzir distâncias  
no poema possível ainda possível  
no universo que se nega.

Jorge Adelar Finatto  
a ver o Mondego com saudades do Guaíba,  
essa tarde infinita de barcos que partem,  
o poema da vida breve na tênue linha do ausente.

Cecília Bossi a trocar palavras por talheres  
um pássaro com retinas de cristal  
numa dança no Bolero de Ravel.

Cláudio Mello e Souza passageiro do tempo  
no meio de um mar completamente azul  
a saber que em cada palavra há uma incisão.

Geir Campos e seu rebanho  
de ovelhas alvas  
a percorrer o livro na prateleira  
onde habita a memória resumida.

Taís Brasil  
de braços abertos a uma estrela,  
a poesia branca ao dizê-la  
com a voz de dentro  
onde vive a alma em seu alento.

Silva Neto a colher palavras pessoanas  
na poesia possível,  
distâncias tantas na ausência de tudo  
o tempo que se aguarda  
como o poema a ser escrito.

Zuleika dos Reis que colhe um ramo  
de flores silvestres  
e escreve onze cartas de amor  
na fuga de seu espelho.

Lélia Coelho Frota a percorrer Lisboa  
à margem do Tejo nos azulejos da manhã  
onde o sol acende as igrejas.

Myriam Fraga a guardar o silêncio feroz  
na lâmina dos pulsos entre arcanjos.

Ana Cristina César  
o pulo para ser infinito  
e de repente esse silêncio como corte  
a face numa sombra dos objetos.

Paulo Leminski como se uma estrela  
pudesse ser um poema  
como se fosse assim essa estrela  
ser o poema que é  
no calar de si mesmo:  
um homem com uma dor  
é muito mais elegante.

Marco Luchesi caminha desertos  
na árida paisagem da manhã inexistente  
o visgo do chão  
entre a ave que não voa e o silêncio das coisas  
um deserto a buscar  
oceano do nada entre a treva e o ocaso  
os céus de Istambul  
luas indormidas  
o silêncio de Deus.

Antonio Carlos Secchin descobre o poema  
ao abrir a janela como alguém que abre os braços  
para rodopiar a poesia  
árida no cuidado de viver.

Cláudia Cordeiro  
a plantar palavras  
carta com claves de sol,  
o oceano entardecido

que entardece  
na tarde ampla de suas cores  
em Recife que amanhece  
o poema que se nasce  
no tecido que se tece.

Alberto da Cunha Melo:  
eis o poeta e seu prato  
a palavra pronta  
na poesia de Pernambuco  
punhal poético no pergaminho  
o ponto o peito o pranto  
a parte do poente  
partir para o porvir  
o presente  
o passado  
o pano plena planície  
pálida paisagem  
pote poço pontiagudo no poema  
planta no pátio pássaro perdido  
a poesia  
a poesia  
a poesia de Pernambuco  
além de João Cabral.



### *poema 13*

O poema é derradeiro  
derradeira palavra que termina  
o poema que corta imagens invisíveis  
nada se vê no poema  
o poema se marca se fere se finda  
o poema não conclui

nem se mostra  
o poema não se faz  
não se revela o poema  
não se come por dentro  
o poema se deixar morrer  
o poema não.



### *visão alucinatória 3*

De repente São Paulo dos anos 60  
poema quase diário da memória  
Massao Ohno a fazer livros  
numa prensa na rua Vergueiro  
onde estavam os poetas novíssimos  
a dizer poemas  
sem saber ao certo o destino das coisas  
que não têm destino  
a escadaria da Biblioteca Municipal Mário de Andrade  
a tarde quase início da noite  
como se a Praça Dom José Gaspar  
fosse o mundo ali resumido  
em algumas palavras e silêncios  
alguns pontos de exclamação  
nas palavras de Pessoa  
nas odes de Ricardo Reis  
na copa escura das árvores  
o edifício Copan  
a face de Alberto Caeiro  
pastor das ovelhas distantes  
uma cidade adormecida nos seus crimes.

Soberana é a noite  
na Praça Roosevelt

barracas que vendem margaridas  
a igreja da Consolação  
onde estão as preces  
os pecados  
e as pombas nos alpendres  
esta mulher que abre a vida  
o sexo fundo do esquecimento  
a dor  
e falta ainda viver.

Paulo Marcos  
filho de Oswald de Andrade  
e Maria Antonieta  
que vai morrer na semana que vem  
num desastre de automóvel.

Numa quarta-feira  
de uma noite paulistana  
na avenida Ipiranga  
Rui Apocalypse  
vai se atirar debaixo de um ônibus  
o fim  
o paletó cinza  
os poemas no bolso  
a imagem da poesia que termina.

Os primeiros bares da Galeria Metrópole  
a primeira guitarra elétrica no som da noite  
a palavra de Sérgio Milliet no Pari Bar  
a rua São Luiz de árvores destruídas  
aquela luz das calçadas  
até a Praça da República  
onde os mortos cantam.

Ievtuchenko talvez na rua Aurora  
ou no Teatro de Arena  
a dizer poemas revolucionários  
as palavras queimam  
e o fogo das palavras  
incendeiam os prédios  
as pessoas  
as flores  
as igrejas  
as bibliotecas  
os teatros  
os restaurantes  
as ruas  
as árvores  
as palavras incendeiam  
o beijo  
o grito.

No Juan Sebastian Bar  
Jorge Mautner toca violino  
na chuva e na morte  
do caos que se adivinha no futuro.

Eu por mim me deixo ficar  
já que a noite é espessa  
e espessa é a dor que se consome  
eu por mim vou à Tabacaria  
ao encontro de Álvaro de Campos  
para sentir tudo e de todas as maneiras  
viver tudo de todos os lados.





### *Fotografia quase poética 3*

Eu por mim salto do Viaduto do Chá  
como os suicidas dos anos 60:  
há alguma coisa terrível na morte das pombas  
envenenadas nas janelas da rua São Luiz  
anjos que caminham pela Consolação  
a igreja que se estende pelas madrugadas  
e deixa escorrer por baixo da porta  
rezas delicadas no desespero  
não há apelos nesta hora da noite  
compro margaridas na Praça Roosevelt  
o Cine Bijou mostra um filme branco e preto  
tela pequena para tamanha dor  
que nos une agora  
os corpos entrelaçados  
você deve ser a última mulher  
não há porque esquecer  
nem há porque lembrar  
os dias são fendas nas janelas  
e se choramos a tarde de ausências  
também nos deixamos viver  
na possibilidade da poesia.

Celso de Alencar escreve um poema  
que vai esquecer no vão do MASP  
onde casais aflitos se amam em desespero.

Ronaldo Cagiano caminha Brasília  
com uma estrela no bolso  
dessas que se apagam nos retratos.

Cyro de Mattos escreve uma carta  
sem saber de destino nenhum

derradeiro é o poema que se deixa existir  
a calar as aves das tardes de Itabuna  
em versos da Bahia  
que saltam da boca  
como saltam as palavras do fundo do poema.

Orides Fontela canta canções medievais  
sem compreender as visões dos espelhos.

Idelma Ribeiro de Faria sai da vida  
como se assim a poesia fosse verdade.

Cora Coralina é uma mulher brasileira  
com um pé de pêssegos no fundo do quintal.

Mariazinha Congílio  
o poema das palavras quietas  
como se rezasse sempre  
as palavras sem mistério.

Nas quatro ou cinco ruas  
Lambari se esconde entre  
as montanhas no sul de Minas  
onde encontro Henriqueta Lisboa  
a passear poemas em volta do lago  
diante do cassino amarelo  
uma bicicleta invisível  
pedal do universo  
num poema.

Eu por mim vou para Portugal  
à procura de Eugénio de Andrade  
que morreu ontem

sem ver o final da tarde  
no calendário dos dias.

Vou em busca de Mário Cesariny  
essa poesia árida de seu tempo  
esse grito que corta o lábio  
deboche que sangra  
a poesia na aridez que não conhece.

Eu por mim vou-me para sempre  
como se de repente viesse de algum lugar  
trazendo uma cesta de amoras e avelãs.

Alberto Beuttenmuller  
datilografa palavras antigas  
que deixou perdidas nas ruas  
e no aro dos óculos do entardecer.

Hamilton Faria  
planta palavras no fundo do vaso inexistente.

Glauco Mattoso  
caminha com duas luas cheias  
no bolso do casaco  
a poesia é uma ferida aberta  
dessas que não fecham  
no escárnio da palavra.

Júlio Saraiva a colher a poesia do chão  
dessa madrugada de cortes e sangue  
nuvem que explode na parede  
um poema sem destino.

Helena Armond talvez cante  
mas não se sabe

talvez cante o canto cálido  
da palavra ferida  
que tenta o vôo num céu impossível.

Moacir Amâncio tece a raiz do poema  
num jardim escondido  
de palavras que se perderam.

Alice Ruiz talvez cante um bolero  
toca cítara diante do espelho  
o poema é tão pouco  
para tão ampla planície.

Luiz Roberto Guedes  
busca noites pela Paulista  
e de seu boné tira estrelas  
mágico a tomar uma xícara de veneno.

José Nêumanne tece a palavra  
do fim do dia  
onde palavras não há mais.

Ulisses Tavares colhe maçãs  
no céu que desapareceu  
estrelas cadentes mortas no fundo do poema.

José Geraldo Neres busca a poesia possível  
nas palavras escondidas no céu da boca  
onde um avião voa ao desconhecido.

Ererci Santana lapida a pedra da palavra  
ferramenta que fere  
saltam sílabas em versos de fogo  
o poema no incêndio de sua celebração.

Flora Figueiredo canta na sala  
a canção que não foi feita  
e num colar de pérolas brancas  
adivinha oceanos de sempre partir.

Betty Vidigal passeia noites  
no universo da casa  
olhar que se perde e se refaz  
na paisagem que se reinventa.

Beatriz Helena Ramos Amaral tece a lã da pele  
com agulhas antigas na tez do sentimento.

Lília A. Pereira da Silva colhe nas margens  
todas as palavras líricas do mundo  
na poesia possível de calar mais fundo  
onde a vida não se percebe.

Eu por mim irei escrever três sonetos  
e guardarei rimas do século 18  
me farei depois parnasiano  
e morrerei nos versos que escrever ao entardecer  
serei também romântico  
como se fosse essa a salvação do que resta  
da poesia e do poema  
nas palavras que escolher  
escreverei redondilhas  
versos de sete sílabas  
depois passarei uma temporada no inferno.



## *Fotografia quase poética 4*

Dora Ferreira da Silva toma chá com Rilke  
na sala de jantar  
entre anjos silenciosos  
desses que não existem mais  
mas que permanecem no quarto  
com asas de algodão  
como aqueles da infância  
do catecismo nas igrejas  
esses anjos que lhe falam poemas  
e depois sorriem ao pé da escada.

Dora saiu levando todas as tardes  
do mundo na bolsa cor de prata  
onde guardava algumas pétalas  
de alguma flor  
como se assim pudesse ser ela a própria poesia  
escrita por ela mesma  
dentro dela onde os duendes se enfurecem  
no retrato numa parede esquecida.  
Foi-se embora Dora como se não fosse  
e ainda estivesse com seu anel de pedra azul  
na mesma poltrona da sala a esperar a tarde acabar.

Marly de Oliveira a colher assombros  
tantos passos a dar na tarde ausente.

Paulo Ramos Filho  
talvez o mundo não seja mais.

Ivo Barroso  
abril subindo as escadas noturnas  
onde o silêncio acumula heras do longínquo.

Onestaldo de Pennaforte  
acende o aroma de um cigarro inglês.

Marcos Accioly  
a cabeça e o bico de rapina  
olhos amarelos asas estendidas  
nos ventos flutuantes.

Mariana Ianelli abre seu percurso  
e há tantos rumos a seguir  
no branco aceno da pomba que não voa mais.

Raquel Naveira planta a concha do tempo  
em Campo Grande  
a esperar sempre nascer o dia  
na planície imensa de um jardim.

Cida Sepúlveda engolindo a bruma  
o sangue da romã  
vermelho poema que se inaugura.

Cristina Bastos a procurar-se no espanto  
poesia que fere ferida aberta  
os pés a abrir caminhos para a fotografia do medo.

Maria Lúcia Dal Farra  
estende o lençol da tarde  
entre o varal do poema  
e o horizonte do que não há.

Carpinejar acorda a manhã em São Leopoldo  
e parte para lugar não sabido  
que o desconhecido é o desejo  
a palavra de alerta para renascer.

Astrid Cabral percorre o itinerário do tempo  
a guardar na bolsa algumas sílabas de espanto.

Olga Savary corta palavras com a tesoura do poema  
e na poesia se busca ausente  
que distante é o dia por existir.

Miguel Jorge abraça Goiânia  
no afeto do poema  
e planeja uma viagem ausente  
e se deixa viver com as mãos cheias de sementes.

João de Jesus Paes Loureiro  
abraça as árvores e os rios  
e a terra e as raízes e os caules  
as seivas  
a perguntar se o poeta decide o verso.

Edyr Augusto desenha Belém  
nos azulejos portugueses  
e à beira do rio caminha barcos e peixes  
para concluir o domingo.

Gabriel Nascente redator das almas  
a solidão das gaivotas  
a poesia em chama  
o murmúrio que avilta.

Thereza Christina Rocque da Motta pensa  
pensamentos perdidos para sempre  
nos teclados quietos de seus dedos.

Fernando Paixão pega a sílaba do dia  
e constrói a pequena palavra do poema.

Dalila Teles Veras colhe  
um maço de margaridas  
e um punhado da tarde que à janela dos dias  
urge aquietar os demônios.

Eduardo de Oliveira a plantar ausências  
entre os livros perdidos nas prateleiras.

Francisco Moura Campos  
a amanhecer no quarto  
como se chovesse.

Ilka Brunhilde Laurito traz uma flauta  
com notas de açúcar.

Raimundo Gadelha guarda no bolso  
um haicai de silêncio  
desses que gritam dentro das gavetas  
a tecer o tempo  
em cinco relógios antigos  
de antigas igrejas fechadas.

Oswaldo de Camargo procura um anjo  
na casa que lhe abriga o tempo  
e faz da poesia mais do que o silêncio pode dizer.

Mário Chamie lava a poesia  
como lava a dor do poema

camponês em campo minado  
com uma cesta de palavras  
para reinventar sílabas pontos vírgulas  
na boca muda do espaço escasso do verso.

Renata Pallottini desenha um aceno  
em mãos ásperas sem gestos.

Adélia Prado procura Deus no espelho  
e diz preces poéticas que a poesia não sabe.

Samuel Penido vai-se a esquecer-se  
faz a travessia de si mesmo  
e ouve um concerto de chamados.

Paulo Bomfim constrói um soneto  
e deixa esquecer essa palavra  
que o poema cultiva.

Eu por mim esquecerei  
e me deixarei existir no esquecimento  
farei anoiteceres nas paredes  
direi poemas inúteis às pessoas  
e distribuirei palavras  
dessas que nada dizem  
emudecidas para sempre.



### *fotografia quase poética 5*

Na Sete de Abril  
passos antigos pela cidade  
Domingos Carvalho da Silva

Geraldo Pinto Rodrigues  
Afrânio Zuccolotto  
Péricles Eugênio da Silva Ramos  
Mário da Silva Brito  
Cyro Pimentel  
Geraldo Vidigal  
Ledo Ivo  
Marcos Konder Reis  
Fernando Ferreira de Loanda  
Octávio Mora  
Stella Leonardos  
Darcy Damasceno  
Gilberto Mendonça Teles  
Walmir Ayala  
a poesia é tudo que nos resta me dizem  
e desaparecem  
cidade esconderijo da poesia  
que tentam descobrir.

Solano Trindade fala do seu mundo  
fere a palavra o poema fere  
a fome dos que estão à margem  
a frase quase um tiro  
pelos que passam a vida esperando.

Carlos Nejar espera num campo  
os cavalos na paisagem do sonho  
como se fosse a poesia  
a vida ainda por fazer  
no sobressalto do poema.

Armando Trevisan no espanto do poema:  
sobre o papel poroso ressuscita  
a brancura do nada – a palavra.

Thiago de Mello colhe as águas das chuvas  
a molhar-se no povo  
e na poesia que acredita salvar o mundo.

Raul Bopp  
serpente no vão da porta  
a servir Tarsila nas cores brasileiras.

Nauro Machado a noite por dormir  
nos subterrâneos do sol  
dobrar a eternidade na palavra  
o poeta sabe que o poema tem fome.

Moacyr Félix caminha para sempre  
sem ver a bandeira branca no fim da rua.

José Paulo Paes constrói o poema  
com o cuidado de um sacerdote  
como se a poesia merecesse tal fidalguia.

Afonso Félix de Souza parte  
e leva no bolso a manhã do Rio de Janeiro  
uma estrela feita do universo  
dessas que imaginou a olhar o oceano  
poeta na generosidade da palavra.

Emílio Moura  
desenha uma montanha de Minas  
e coloca cinco estrelas cadentes no céu.

Hilda Hilst caminha branca entre as árvores  
e seus cães que afaçam seus pés  
a ela peço perdão  
por ter ajudado a matá-la a cada dia  
a ela quero neste instante entregar um colar de flores

e colocar nas paredes de sua casa  
todos os retratos de escritores  
e de poetas que amou  
dela quero essa fotografia que lhe faço  
no acaso de uma varanda  
com seu pequeno copo de vinho do Porto.



### *poema 14*

A literatura é um lixo caro  
aos que sabem ainda pensar e sentir  
como um ferimento a faca a tiro  
desses que matam no instante  
em que viver  
é muito mais que um exercício de palavras.

Não vale a pena perseguir  
a frase perdida na poesia que não há  
já basta a violência de todos os dias contra a palavra  
essa faca aguda nas mãos dos criminosos  
que ferem de morte o poema.

Afinal para que serve a poesia  
para que serve o poema  
para que serve o poeta?

Eu por mim vou-me  
em busca das mulheres tristes de São Paulo  
beber com elas o veneno brutal das horas  
e deixar mais fundo o punhal  
calado no coração.

Eu por mim saio a 190 por hora  
pela 23 de Maio com meu MRX  
e deixo de viver perto do Aeroporto de Congonhas  
de onde partem meus aviões imaginários  
que me levam para lugar nenhum.

Eu por mim partirei com um barco de papel  
a sair do Tejo onde Lisboa se deixa  
entre a luz e seus telhados vermelhos  
janelas de olhos perenes a atravessar  
a poesia no barco  
esquecido no fundo da reminiscência.

Eu por mim  
daria um ponto final a tudo  
neste exato instante  
sábado 23 horas e 43 minutos  
como se nada tivesse existido.



### *poema 15*

Atenção senhores telespectadores  
atenção senhores ouvintes  
atenção senhores e senhoras  
leitores de poesia e romances brasileiros  
atenção para o toque de 150 anos.

Procura-se alguém que dê notícias  
do senhor Manuel de Oliveira Paiva  
que desapareceu sem deixar carta a ninguém  
perdeu-se nas páginas dos livros  
e nas ruas do esquecimento

final dos que ainda sonham  
e teimam persistir no ato insano de escrever.

Quando desapareceu usava calça azul  
sapatos marrons sem cadarços  
camisa branca faltando três botões  
e algumas luas numa bolsa de pano.

Escreveu em vários jornais  
crônicas e sentimentos circunstanciais  
mas abandonou o jornalismo  
em tempo certo de salvar sua reputação.

Quem souber de alguma notícia  
do senhor Manuel de Oliveira Paiva  
favor avisar seus familiares  
em rua incerta no interior do Ceará.

Desapareceu numa tarde de domingo  
dia 29 de setembro  
sem que ninguém percebesse  
deixando no portão um paletó sem destino  
e algumas palavras perdidas no bolso esquerdo.

A família desesperada agradece  
qualquer informação sobre o desaparecido  
na esperança de que não seja  
sepultado como indigente  
se for encontrado morto.



## *poema 16*

Se fosse o sexo de uma mulher  
seria a foto branca  
onde escondi receios  
e por ser da mulher o seu sexo  
tão funda gaveta de anseios  
deixo escorrer da saliva  
um sentimento inexistente  
de se dizer procura  
de se matar inclemente.

16

## *poema 17*

Quando se desfaz a poesia  
também se desfaz a palavra  
também se desfaz o poema.

Desfeita a poesia  
nada mais há por esperar  
desfeita a palavra  
nada há mais por sentir  
desfeito o poema  
é o começo de tudo.

17

## *poema 18*

Tais cabeças mortas  
morrem a morte  
mas agora é noite.

A súplica que se olha  
no fundo da boca  
o instante do grito  
onde a fala se traduz  
mas não se conclui.



### *poema 19*

De tais cabeças me saltam bronzes longínquos  
desses que se vêem somente em romances europeus  
a língua no canto do lábio  
como se dessa boca  
saltassem as últimas palavras  
as que morrem todos os dias em poemas delicados.

De tais olhares ausentes saltam imagens que não tenho  
dessas que se vêem somente nas telas de Goya  
como se fosse ele o inventor do ausente.

Mas enquanto me aflijo por ser o poema um instante  
também tento recompor as sílabas na memória  
como se fosse assim salvar o mundo.

Não se salva o mundo nem o poema  
nessas línguas que cortam a frase na mudez do grito.



### *visão alucinatória 5*

Numa cabeça vejo Drummond  
noutra a cabeça de Bandeira  
e a cabeça de João Cabral

vejo também Cecília Meireles  
vejo ainda a cabeça de Gregório de Mattos  
a cabeça de Augusto dos Anjos  
noutra cabeça vejo a cabeça de Mário de Andrade  
e a cabeça de Tomás Antonio Gonzaga  
a cabeça de Basílio da Gama  
a cabeça de Bernardino Lopes  
a cabeça de Botelho de Oliveira  
a cabeça de Alphonsus Guimaraens  
a cabeça de Araújo de Porto Alegre  
a cabeça de Ascenso Ferreira  
a cabeça de Oswald de Andrade  
a cabeça de Vicente de Carvalho  
a cabeça de Cassiano Ricardo  
a cabeça de Olegário Mariano  
a cabeça de Carlos Pena Filho  
a cabeça de Augusto Frederico Schmidt  
a cabeça de Alberto de Oliveira  
a cabeça de Luis Murat  
a cabeça de Alceu Wamosy  
a cabeça de Cláudio Manuel da Costa  
a cabeça de Emílio de Meneses  
a cabeça de Luis Gama  
a cabeça de Auta de Souza  
a cabeça de Francisca Júlia  
a cabeça de Mario Faustino  
a cabeça de Natividade Saldanha  
a cabeça de Augusto Meyer  
a cabeça de Raimundo Correa  
a cabeça de Santa Rita Durão  
a cabeça de Ribeiro Couto  
a cabeça de Ronald de Carvalho  
a cabeça de Tobias Barreto  
a cabeça de Machado de Assis

a cabeça de Hermes Fontes  
a cabeça de Raul de Leoni  
a cabeça de Júlio Salusse  
a cabeça de Junqueira Freire  
a cabeça de Luis Delfino.

Vejo 22 no Teatro Municipal de São Paulo  
os poetas de 45  
e os poetas de 60 sem saber para onde ir.

Vejo muitas cabeças de outros poetas mortos  
nada mais justo  
já que a poesia morreu:

a poesia brasileira  
vive de poetas que não existem mais.



### *poema 20*

Vejo algumas cabeças  
como manchas escuras  
um corte na fenda da palavra  
cabeças de quem faz do poema  
um exercício inócuo do nada.



### *poema 21*

Não há poema sem dor  
não me venham dizer falsas línguas  
que pode existir uma alegria na boca

não há poema sem dor  
digo  
romântico que sou no século 21  
mas no século 20  
eu já era assim.

Não existe poema  
sem a faca aguda na imagem da palavra  
aquele ferimento que fere fundo  
e no fundo do ferimento  
salta como se fosse uma aranha maligna.

Não existe poesia sem dor  
não me venham dizer as falsas doutrinas  
que pode existir talvez um sol numa paisagem.

Não existe poeta sem dor:  
a palavra é o punhal de cada dia  
o invólucro de um presente que não existe.

Não existe poema sem dor  
o resto é equívoco  
que a poesia não vê.



## *poema 22*

Parco espaço na sala no olho vazio no corte da cara no chão  
de sapatos antigos palavras desnecessárias à tarde que se faz ao  
tempo que se esquece ao deus que se procura altar de presságios  
no instante derradeiro de viver sombras antigas que morrem  
no espelho a cicatriz que se costura na face poemas calados no





Falta-me a música  
a clave de sol  
falta-me a flauta  
no poema madrigal.



### *visão alucinatória 6*

Salta-me a cabeça de Baudelaire  
um grito que corta o dia em pedaços  
como uma laranja que se perde na tarde  
as flores do mal  
póstumas palavras traduzidas  
por Guilherme de Almeida  
em 33 tardes em São Paulo  
entre a Barão de Itapetininga  
e a Praça da República  
onde ainda dormem os gestos brutalizados.

Salta-me Maiakovski com um fio de sangue  
a escorrer do coração  
o braço erguido para o infinito  
o nada.

Salta-me dessas cabeças a cabeça de Rilke  
a falar de anjos desconhecidos  
desses que não existem mais no céu das igrejas.

Salta-me a cabeça de Dante  
a caminhar o último inferno  
entre labaredas da memória  
do catecismo de templos destruídos.

Salta-me Rimbaud  
na delicadeza da pétala esquecida na planta  
dessas que fazem a face no espelho  
o olhar ausente num rosto de anseios.

Salta-me Sílvia Plath de mãos dadas  
com Florbela Espanca  
a morte se tece na tez  
infortúnio de engolir todas as noites de uma vez  
temporais na janela a bater ventos tardios.

Salta-me dessas cabeças a cabeça de Cervantes  
o sangue vermelho da Espanha  
a cavalgar cavalos em planícies invisíveis  
a canção dos que cantam nas tabernas.

Álvares de Azevedo está aqui  
a morrer com 21 anos  
capa de infortúnios por ruas paulistanas.

Cesário Verde a caminhar Lisboa  
com passos esquecidos  
que a poesia  
esquece o poema  
na clemência de uma palavra.

Eliot com uma gravata borboleta  
a passear receios num tempo  
em que passeios não há.

Rosália de Castro  
deixa o cálice de veneno  
e percorre as ruas do entardecer na Galiza  
como se assim fosse viver  
o passo da vida entre as montanhas:

Aonde irei comigo? Onde me esconderei,  
que já ninguém me veja e eu não veja ninguém?

A luz do dia assombra-me, pasma-me a das estrelas,  
e os olhares dos homens na alma me penetram.

Lorca que se mata aos poucos em Nova York  
a bala de um fuzil que o corta ao meio em Madrid  
onde dormem os poemas que sangram  
palavras sentimentos gritos suores  
o medo que bate às portas nas madrugadas.

Castro Alves nos navios no grito  
na terra a consumir os dias  
a poesia grito nas ruas  
nas esquinas onde morre o povo.

Byron desta alucinação  
a camisa de força porque a lucidez é aguda  
e corta os pulsos com a faca afiada de azul.

Jacques Prévert estende um lençol melancólico  
num poema de abandonos  
as pessoas choram sem saber porquê.

Dylan Thomas o grito na pálida moldura da poesia  
a poesia do grito que atravessa a vida.

Pablo Neruda a colher o sonho possível  
de seu povo latino-americano  
o sol atrás dos prédios  
palavra suicida a saltar da boca  
bola de fogo pelas montanhas do Chile.

Vinícius a cantar a manhã do Rio  
na música possível do dia a percorrer.

Mário Quintana a viajar pelo mundo  
e pela poesia brasileira  
no universo de seu quarto de hotel.

Manoel de Barros a mexer na terra  
onde planta três estrelas  
e desenha a lua na parede do quarto  
como se fosse assim  
inaugurar a vida a cada dia  
do calendário atrás da porta.

Borges a silenciar na boca salivas que saltam  
entre palavras de desprezo  
essa escuridão de tudo  
entre peças de prata em cima dos móveis  
a moldura dourada do retrato invisível  
o rosto morto na imobilidade do mundo.



### *poema 24*

Há algo que me assusta  
ao deparar-me com essas cabeças  
que juntas na dor do metal  
se erguem ausentes  
na morte ausente  
no instante ausente  
do que não é.

Alguma coisa de terrível  
salta dessas cabeças

anjos que percorrem a sala  
e entre as poltronas do medo  
se escondem nas dobras dos quadros  
paisagem distante do desconhecido  
um cavalo que percorre o campo  
cinco ovelhas a observar um pastor.

Algo que me assusta pula o arame das cabeças  
cerca farpada de fios de navalhas  
corte profundo  
alguma coisa me cala  
no grito dessas cabeças  
no invólucro do corte que se instala.



### *visão alucinatória 7*

Quisera encontrar Catulo da Paixão Cearense  
e visitar com ele Gonçalves Dias  
e com ele ir ao encontro de Fagundes Varela  
depois ao entardecer  
bater palmas na porta de Bilac  
e com eles fazer algumas canções  
para flauta  
com os poemas de Casimiro de Abreu.

Mas isso é somente loucura momentânea  
dessas alucinações de rotina  
a cada sobressalto da manhã.

Ovídio talvez uma harpa antiga  
a soar o que resta da música  
que a poesia esqueceu.

William Blake invade o poema  
com um ramo de espinhos  
entre a lucidez e a loucura.

Villon das coisas sem importância  
a inutilidade da poesia inútil poesia  
tantos outros poetas.

A começar por Victor Hugo  
a começar por Sierguéi Iessiênin  
a começar por Antonio Machado  
a começar por Gustavo Adolfo Bécquer  
a começar por Valéry  
a começar de Bashô  
a começar por Francisco de Quevedo  
a começar por Montale  
a começar por Séferis  
a começar por Pasternak  
a começar por Octávio Paz  
a começar por Drummond  
a começar por Bandeira  
a começar por Cruz e Souza  
a começar por René Char  
a começar por Sophia de Mello Breyner Andresen  
a começar por Fiama Hasse Pais Brandão  
a começar por Verlaine  
a começar por Kazantzákis  
a começar por Miguel de Unamuno  
a começar por Mário Benedetti  
a começar por Marina Tzvietáieva  
a começar por Paul Éluard  
(mas por que afinal  
lembro todos estes nomes  
que não me dizem nada  
e me dizem tanto

por que afinal lembrar dos poetas  
que devem ser esquecidos  
por que afinal  
por que afinal  
por que afinal  
para que serve a poesia  
para que servem os poetas?)  
a começar por John Donne  
a começar por José de Espronceda  
a começar por Heinrich Heine  
a começar por Novalis  
a começar por Mário Cesariny  
a começar por Eugénio de Andrade  
a começar por Mário de Sá-Carneiro  
a começar por Georg Trakl  
a começar por Tristan Corbière  
a começar por Pedro Salinas  
a começar por José Martí  
a começar por Gottfried Benn  
a começar por W.B. Yeats  
a começar por Fernando de Herrera  
a começar por Francisco de Aldana  
(mas por que afinal  
por que afinal  
lembro os poetas  
para que serve a poesia?)  
a começar por Paul Valéry  
a começar por Blaise Cendrars  
a começar por José-Maria de Heredia  
a começar por Herberto Helder  
a começar por Lope de Vega  
a começar por Antonio Nobre  
a começar por Pierre de Ronsard  
a começar por Luis de Góngora  
a começar por Walt Whitman

a começar por Bertolt Brecht  
a começar por Friedrich Holderlin  
a começar por Ruben Dario  
a começar por Francisco Quevedo  
a começar por Jorge Guillén  
a começar por Viélimir Khlébnikov  
a começar por Rafael Alberti  
a começar por Goethe  
a começar por Kaváfis  
a começar por André Breton  
a começar por Sor Juana Inês de la Cruz  
a começar por Juan de la Cueva  
a começar por Leon Felipe  
a começar por Guillaume Apollinaire  
a começar por Friedrich Schiller  
a começar por Góngora  
a começar pela lírica de Safo  
a começar por Paul Éluard  
a começar por Allen Ginsberg  
a começar por Juan Boscán  
a começar por Pierre de Ronsard  
a começar por Dámaso Alonso  
a começar por Michael Dayton  
(a poesia serve para quê?)  
a começar por Shakespeare  
a começar por Garcilaso de la Vega  
a começar por Thomas Gray  
a começar por Vicente Huidobro  
a começar por Mallarmé  
a começar por Carlos Felipe Moisés  
a começar por Murilo Mendes  
a começar por Ezra Pound  
a começar por Emily Dickinson  
a começar por D.H. Lawrence  
a começar por e.e. cumings

a começar por W.H. Auden  
a começar por Ernesto Cardenal  
a começar por Apollinaire  
a começar por Coleridge  
a começar por Schiller  
a começar por Saint-John Perse

a começar por Saint-John Perse  
a começar por Antero de Quental  
a começar por José Régio  
a começar por Eugénio de Castro  
a começar por José Gomes Ferreira  
e tantos outros e tantos outros  
e tantos outros e tantos outros  
e tantos outros e tantos outros  
e tantos outros e outros tantos  
e outros tantos e tantos outros  
e tantos outros e tantos outros  
e tantos outros e outros tantos  
e tantos outros poetas  
e tantos outros  
e tantos outros

e tantos outros  
e tantos outros  
e tantos outros  
e tantos outros  
e tantos outros  
e outros tantos  
e tantos outros  
e tantos outros  
e tantos outros  
e tantos ou outros:

sou quase  
um poeta concreto  
um poeta concretinho  
sou quase  
um poeta  
que não sou mais.







## *visão alucinatória 8*

Pessoa caminha à beira do rio  
à procura de um Café para escrever uma carta  
talvez um poema não se sabe agora  
tão funda noite nas colinas  
entre os rebanhos de Caeiro  
os poemas de Álvaro de Campos  
Ricardo Reis no terraço de uma casa  
dessas em que Lisboa  
desponta às torres das igrejas.

Minha pátria é a Língua Portuguesa.

Por fim Camões a tecer poemas  
desses que traduzem a vida  
mais que o tempo lírico de viver  
mais que o tempo lírico de morrer  
mais que o tempo lírico de existir.

Por fim Camões  
na poesia pouca de tudo  
esse descobrir a alma  
e no próprio descobrimento  
deixar-se esquecido  
no mesmo esquecimento.

Por fim  
e para sempre Camões  
minha jura do poeta que não sou  
na palavra que não tenho  
na prece que não sei dizer.



os poetas todos morreram  
os poetas vivos  
não são poetas  
não são poetas  
os poetas vivos  
não são poetas  
os poetas todos morreram  
os poetas todos morreram todos os poemas  
os poemas todos morreram todos os poetas  
os poemas todos morreram todos os poetas

morreram todos os poemas todos os poetas  
morreram todos os poetas todos os poemas.

O que ainda há  
para ser escrito?

Em Leopoldina  
Minas Gerais  
dois pombos adormecem  
na laje da sepultura  
de Augusto dos Anjos  
único poeta universal do Brasil.

Eu vejo então que é setembro  
como se isso  
pudesse modificar a ordem das coisas.



### *poema 25*

Falta-me nestas cabeças  
a cabeça de uma mulher  
talvez Safo  
talvez falta-me Safo  
uma cabeça de mulher  
que pudesse colocar em minha bolsa  
ou numa fotografia antiga  
que pudesse com essa cabeça de mulher  
percorrer ruas noturnas sem saída  
pudesse  
com essa cabeça de mulher  
pudesse  
ver no espelho a face

a cicatriz  
o corte.

Falta-me nestas cabeças  
a cabeça de uma mulher  
da mulher o olhar estendido ao mundo  
como se fosse ela a palavra necessária  
o poema necessário  
como se fosse essa mulher  
o necessário instante  
a poesia impossível  
o sonho que se descarta.

Falta-me  
a cabeça de uma mulher  
dessas que permanecem invisíveis  
entre as fotografias  
poetas da palavra feminina  
feminino gesto  
aceno estendido num varal  
como se a tarde não existisse.

Falta-me nessas cabeças  
a cabeça de uma mulher  
a boca de uma mulher  
a saliva de uma mulher  
a escorrer o lábio vermelho  
tão vermelho como todos os vermelhos  
a quem se pudesse chamar  
numa súplica  
ou prece de desespero.





## *visão alucinatória 9*

Das vísceras do poeta  
nascem sonhos inconcebíveis  
desses que nem os poetas podem ter  
nascem gafanhotos e grilos  
das vísceras do poeta  
nascem penumbras  
copos de vinho  
nascem também girassóis  
retratos antigos mortos  
em lápides poéticas  
como se fosse assim  
o universo resumido  
nas vísceras do poeta  
fossem assim as árias  
esquecidas na flauta  
fosse isso o que não é  
o poeta desfeito  
diante do espelho  
onde esconde sua cara  
e apaga a vida  
com a navalha de barbear.

Das vísceras do poeta  
nasce a escuridão  
o dia mutilado  
com caras destruídas.

Das vísceras do poeta  
correm os rios perdidos para sempre

na geografia do corpo  
onde vive a fúria.

Nada há por dizer ou descobrir  
que tudo já se fez à revelia.



## *poema 26*

Eu por mim vou para Portugal, ficar-me lá como ficam as gaivotas nas margens do Tejo, ver de longe os barcos e imaginar os destinos das caravelas. Partem agora a sair de mim em destinos incertos, sina da poesia que ainda guardo numa caixa de sapatos, toda a poesia que conheço tenho numa gaveta de infortúnios. Eu por mim vou para Portugal, nas tardes de Coimbra, nas escadas de Coimbra, num Café de Coimbra onde poderei conversar com Miguel Torga a tomar um copo de água lendo um jornal, talvez um livro e até um poema, essa coisa rara de se encontrar nas bocas das pessoas. Talvez uma mulher com um beijo alucinado, dessas que possam deitar comigo em qualquer cama ou junto às paredes das casas. Dessas que esquecem amanhã para sempre, sem nome, sem rosto, sem gesto, sem sexo, sem gozo, sem remorso, sem palavras, sem sentimento nenhum, sem corpo, sem pernas, sem sílabas, como se fosse ela um poema inacabado que me invade sem pedir licença. Nada me interessa aqui. Tenho uns quatorze amigos com quem troco palavras de vez em quando, a enganar-me na vida, como se fosse isso o bastante para viver o poema e a intensidade da poesia na sua luz, brilho que corta o olhar. Por mim parto agora à deriva, barco que me afunda por dentro e enquanto desaparece escrevo o que me resta:

Deixar-me adormecer  
no Bairro Alto  
de onde vejo Lisboa abaixo de mim

meus dedos longos  
quando chegar a noite  
hão de percorrer as luzes  
como se fossem hastes de um cravo  
no fim da noite em Lisboa  
a calar-me a pele  
o canto da boca  
que nas casas  
se transforma num poema de Portugal  
que fala em morrer

deixar-me ficar ao nascer do dia  
como se fosse o Bairro Alto  
a me adormecer para sempre  
sem imaginar que Lisboa  
está em mim  
onde me esconde o coração  
no poema que haverá de ser.

15

## *poema 27*

O poema diz o que não sabe  
e se transforma no que não é  
e nunca será.

O poema esquece e se fere  
nas palavras antigas  
de um dicionário morto.

O poema exclama na voz do poeta  
versos que não cabem numa estrofe  
canta o canto que não existe mais  
distante de seu tempo.

O poema morre no poema  
morta poesia  
na paisagem do nada  
onde se guarda a memória  
o que sempre deixa de ser.

O poema não é  
por mais que queira ser  
não é  
apenas pensa existir  
no espaço exíguo  
da palavra.

O poema não interfere  
o poema cala  
o poema não sente  
o poema que se finge  
o poemorto  
o poemente.



## *poema 28*

Não canto louvores a nenhuma revolução  
nem tenho bandeira alguma para hastear.

Faz 29 dias que não falo uma única palavra.  
Esqueci o som de minha voz.

Mas não estou perdendo nada que me seja importante.  
Esta voz que se calou em mim não tinha nenhuma serventia.  
No máximo preenchia o pequeno espaço do nada.

Queria ir mais vezes a Portugal  
para poder limpar-me  
do que não desejo mais.

Queria entardecer em Coimbra  
ao bater de um sino qualquer  
no início da noite.

Para mim todas as noites são iguais.  
Mas em Portugal é diferente:  
as aves que aqui gorjeiam  
não gorjeiam como lá.

O arame que me coloquei na boca  
também me salva de alguns infortúnios  
de dizer-me o que não quero mais ouvir  
os poemas que não me dizem respeito  
distantes que estão do que me resta da realidade  
o suicídio lento de todos os minutos  
a imagem sempre derradeira  
do que deixou de ser.

## *poema 29*

Sou pela Monarquia.  
O Brasil devia ter um rei  
um príncipe uma princesa  
uma rainha.

Sou pela Monarquia  
assim poderia oficializar  
de vez  
minha condição de vassalo.

Mas no fundo  
sou mesmo o bobo da corte  
e faço rir os que estão no poder  
sentados nos tronos  
de ouro e pedras preciosas.

O Brasil devia ter um rei  
como a poesia brasileira  
que tem seus monarcas  
a ditar ordens em praça pública  
atrás do patíbulo.

Sou pela monarquia poética  
e quero dormir com a rainha  
e fazer com ela  
o que não faço com uma puta.

Amo todas as putas brasileiras  
e com elas faria minha corte  
fosse eu rei de alguma coisa.

Sou pela Monarquia.  
O Brasil devia ter um rei.

Se eu fosse um rei  
aos poetas ordenaria  
que desaparecessem:  
assim seria mais fácil viver.



### *poema 30*

Sou um poeta em via de extinção  
daqueles que acreditavam no sonho  
sobretudo na poesia.

Daqueles que utilizavam as palavras para escrever  
e nesse exercício solitário deixavam que a vida  
escorresse no poema.

Sou um poeta em extinção  
ridículo como uma carta de amor  
tipo que se emotiva à toa  
a qualquer pretexto para sentir-se só.

Daqueles que de alguma maneira  
passeavam com animais imaginários  
e guardavam uma ovelha no quarto.

Daqueles que às manhãs acreditavam num novo dia  
e aguardavam a tarde chegar conversando com as formigas.

Daqueles poetas que não existem mais  
porque a poesia mudou

e se antes vivia nas sombras  
era sua descoberta que importava.

A poesia pertencia à vida do homem  
dos bichos das plantas e das pedras  
mas hoje isso é sonhar demais.

Tanto sonho não cabe mais na cabeça de um poeta  
só nos que estão em via de extinção  
daqueles que iam à igreja para esconder-se do mundo  
sem saber que a igreja é o esconderijo de Deus.

Nas madrugadas era possível falar-se sozinho  
mas hoje a boca se fecha inerte  
ao passar das horas paradas nos relógios.

Sou daqueles poetas que já morreram  
pedindo pela liberdade  
quase sempre ferida a golpes perversos  
da força e da crueldade.

De tal forma  
que não há mais lugar para poetas assim  
senão o resto da sina  
não de seguir  
mas de parar nas esquinas  
sem perceber os sobressaltos.



### *poema 31*

Quando morreu a Poesia  
fazia uma tarde de Outono no Brasil  
e Primavera em Portugal

dessas escuras tardes  
em que as pálpebras  
permanecem como se molhadas.

Fazia uma tarde qualquer  
quando morreu a Poesia  
não de morte natural  
como foi noticiado  
mas por ferimento bruto  
feito a punhal.

Fazia uma tarde de algum dia  
quando morreu a Poesia  
os vizinhos dizem ter ouvido lamentos  
mas nisso não se acredita  
já que a Poesia foi atacada de surpresa  
e não teve tempo de pedir socorro a alguém.

Fazia uma tarde quase noite  
quando a Poesia enfim morreu  
dela pouca coisa restou  
somente algumas fotos envelhecidas  
algumas palavras sem sentido  
e alguns fingimentos esquecidos.

Não houve investigação  
para saber ao certo a causa da morte  
só se soube com certeza  
que foi num final de tarde de Outono no Brasil  
dessas tardes escuras  
que a Poesia  
alguma vez tentou viver.





## *poema 32*

A mão do artista na argamassa  
é a mesma do poeta  
a ferir as palavras na elaboração do poema  
ou do homem  
que constrói a sua casa.

Fosse a poesia útil para alguma coisa  
por certo as palavras seriam outras  
como a argamassa do artista  
que tece a face aos poucos de sua obra  
o operário que ergue a casa  
para viver os últimos dias de setembro.

Mas a poesia é o nada sem serventia  
o olhar no espesso da tarde  
de onde saltam os gafanhotos  
num jardim impossível.

A mão do artista  
é a vida a se fazer.

Fosse a poesia algo que se pretenda  
talvez o poema seria outro  
que pudesse servir ao homem e sua vida  
não a inutilidade de amalgamar palavras  
para o nada definitivo.

### *poema 33*

A poesia toda  
devia ser apenas  
um haikai.

Toda a poesia  
não devia ter palavras.

Cada poema  
é mais uma batalha perdida.



### *poema 34*

Mortas cabeças mortas  
cabeças mortas cabeças  
mortas cabeças  
estão mortas as cabeças  
uma sobre a outra  
é possível ver no vazio do nada  
esse inventário da poesia  
do que não resta  
do que não é  
do que não foi  
nem será  
nas cabeças mortas cabeças mortas  
línguas cortadas na palavra  
como faca cortada  
a lâmina afiada  
que no pulso cessa a fúria.





### *poema 35*

Alguns poetas se digladiam  
por um copo de vinho  
outros expõem a vaidade num varal  
sórdida palavra esta deste poema  
a festa segue com cheiro de féretro  
das flores que murcham  
com o passar das horas.

Se a poesia fosse  
não seria essa faca de dois lados  
nem o corte seria da ferida  
que é o poema  
árida elaboração do inútil.



### *poema 36*

A poesia é assim  
como é a cabeça morta  
na morta cabeça morta  
o nada completo  
absolutamente ausente  
na pálida face apagada para sempre  
o risco da boca no contorno da cara  
é assim:  
a poesia  
não existe mais  
é como um ponto final.



Impresso em São Paulo, SP, em julho de 2007,  
com miolo em couché fosco 115 g/m<sup>2</sup>,  
nas oficinas da Palas Athena.

Composto em Garamond, corpo 11 pt.

Não encontrando esta obra nas livrarias,  
solicite-a diretamente à editora.

**Escrituras Editora e Distribuidora de Livros Ltda.**

Rua Maestro Callia, 123

04012-100 – Vila Mariana – São Paulo, SP

Tel.: (11) 5082-4190

[escrituras@escrituras.com.br](mailto:escrituras@escrituras.com.br) (Administrativo)

[vendas@escrituras.com.br](mailto:vendas@escrituras.com.br) (Vendas)

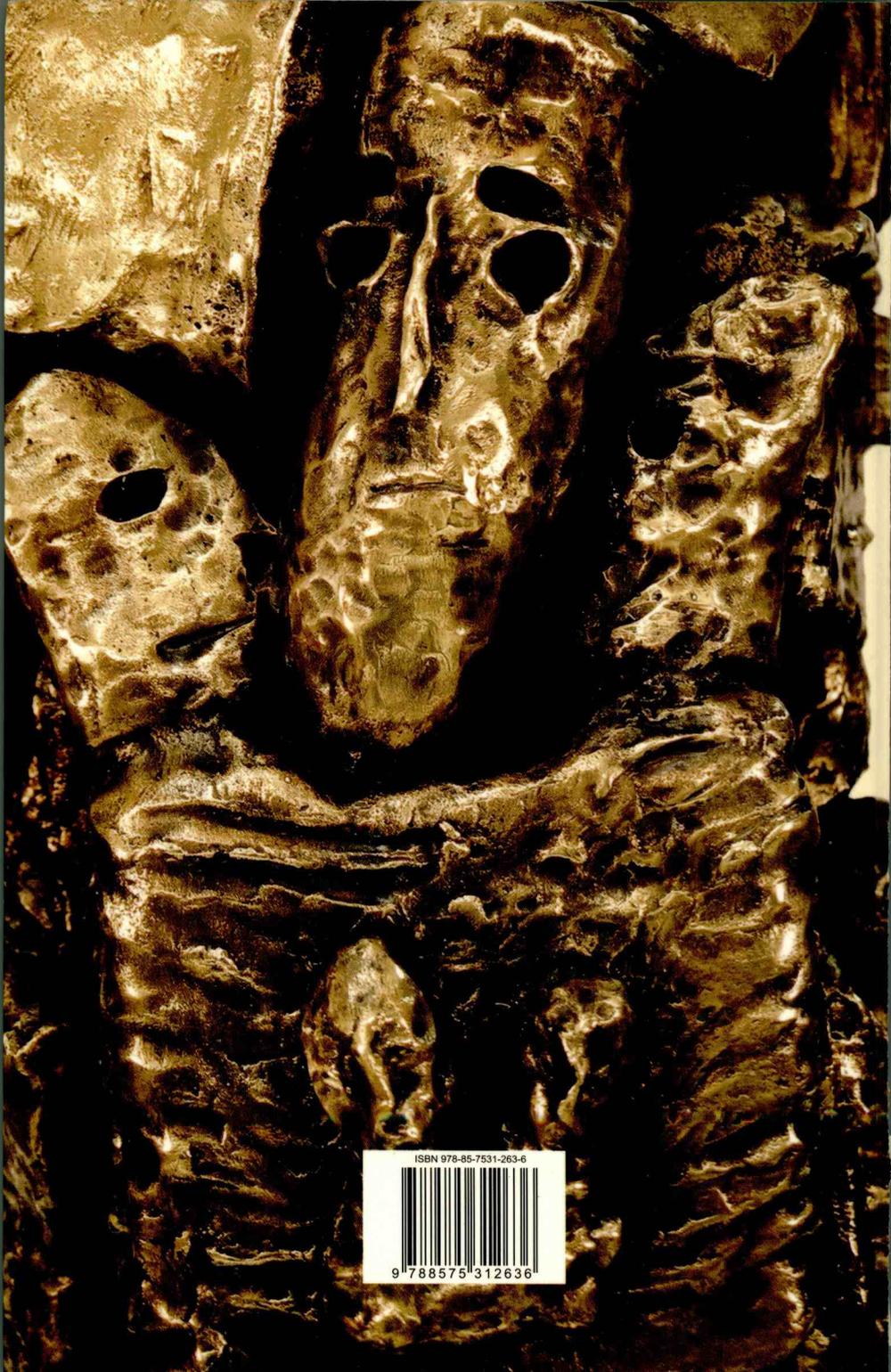
[imprensa@escrituras.com.br](mailto:imprensa@escrituras.com.br) (Imprensa)

[www.escrituras.com.br](http://www.escrituras.com.br)

**Álvaro Alves de Faria**, jornalista, poeta e escritor. Pertence à Geração 60 de Poetas de São Paulo. Além de livros de poesia, é autor de romances, novelas, ensaios, peças de teatro, livros de crônicas e de entrevistas literárias. Dois prêmios Jabuti (1976 e 1983) e dois prêmios especiais da APCA (1988 e 1989) por seu trabalho em favor do Livro como crítico literário. Preso cinco vezes como subversivo pelo Dops nos anos 60 por dizer poemas no Viaduto do Chá. Seus últimos cinco livros de poemas foram publicados em Portugal. Reuniu sua poesia até 2003 no livro *Trajatória Poética* (Escrituras), prêmio APCA desse ano. Poeta homenageado, em 2007, no X Encontro de Poetas Iberoamericanos, em Salamanca, Espanha, onde teve publicada uma antologia com o título *Habitación de Olvidos*, seleção e tradução do poeta espanhol Alfredo Perez Alencart.



**Valdir Rocha** é pintor, desenhista, gravador e escultor. Nasceu em São Paulo, onde trabalha. Realizou diversas exposições individuais e coletivas. Parte diversificada de sua produção está reproduzida nos seguintes livros: *Cárcere Privado* (Devir, 2006); *Titeres de Ninguém* (Letras Contemporâneas, 2005); *O Desenho de Valdir Rocha*, de Mirian de Carvalho (Escrituras, 2004); *A Escultura de Valdir Rocha*, de Péricles Prade (Escrituras, 2005); *Gravuras em Metal* (Artemeios, 2002); *Xilogravuras* (Escrituras, 2001); *Intimidades Transvistas* (Escrituras, 1997); e *Mentiras, Verdades-meias & Casos Veros* (Escrituras, 1994).



ISBN 978-85-7531-263-6



9 788575 312636